

VISITA A CARLOS GOMES (1894)

Francisco Braga

Em fevereiro de 1894, depois de um concerto de orquestra realizado em Paris, sob minha direção, na sala d'Harcourt, com obras de compositores brasileiros, para a "Sociedade Brasileira de Beneficência", César Bierrenbach, filho de Campinas, advogado ilustre de grande talento, orador e magnífico improvisador, amigo e admirador de Carlos Gomes e entusiasta do gênio do músico campineiro, seu conterrâneo, projetou um passeio a Milão em visita ao glorioso Maestro patricio. Outro distinto paulista, também de Campinas, Lafaiete Egídio de Sousa Aranha, aceitou-lhe a idéia e, muito meu amigo, levou-me em sua companhia.

(...) Milão. Frio, um frio de rachar. Terça-feira de Carnaval. **Confetti** de gesso em bolas, jogados com violência e brutalidade, emporcalhando as roupas e magoando o corpo; estúpida brincadeira, muito mais desagradável que o **entrudo** do antigo Carnaval carioca.

Nas ruas muita neve; não a cintilante e branca neve dos campos, mas a neve espesinhada e poluída pela poeira das ruas da cidade. Impressionou-me mal a velha cidade lombarda de que, mais tarde, porém, vim a gostar bastante quando a conheci melhor, com seus monumentos, palácios e museus de arte superior, o famoso teatro de ópera, **La Scala**, a bela Galeria Vittorio Emanuele, a jóia arquitetônica que é a Catedral, etc.. O que, porém, mais interessava minha curiosidade de patriota e de artista, sobrepujando outras maravilhas então relegadas a plano inferior, causando-me aquele **frisson** que a gente sente quando espera uma novidade, um acontecimento sensacional, certo sustosinho bem agradável, que precede às grandes alegrias, era o encontro com a figura leonina do nosso querido Mestre; e ardia de impaciência, e contava as horas, os minutos pr'a mais depressa alcançar esse almejado momento.

E rumamos os três — Bierrenbach, Lafaiete e eu, — **Via Morone**. Uma rua medieval, tortuosa e sombria. Aí residia, no nº 8, o príncipe dos músicos brasileiros, o mavioso e inspirado cantor de **O Guarani** e de **O Escravo**, a quem íamos prestar as homenagens a seu grande valor artístico devidas. Tremíamos de emoção, subindo aquele lance de escadas... Recebeu-nos o Maestro Carlos Gomes com a simplicidade característica de seu feitio.

Nenhuma cerimônia, antes viva satisfação, alegria mesmo. Abraçou-nos com força; abraço brasileiro, bem apertado, de estalar os

ossos, de quebrar costelas. Nossa presença em Milão, sem prévio aviso, causou-lhe agradável surpresa.

E contemplávamos aquela figura imponente, simpática, risonha, com movimentos bruscos, a voz cantante, doce, mas dominante, quase voluntariosa, contudo insinuante. A cabeça bela, leonina, magnífica de expressão, com uma cabeleira selvagem, crespa, outrora negros os cabelos e bastos; grisalhos, quando os vimos pela última vez, em 1894. O que impressionava naquela fisionomia atraente, eram, sobretudo, os olhos, castanhos, vivazes, grandes, com pestanas longas. O olhar tinha tal fulgor, que dardejava centelhas quando fixava. Júpiter devia olhar assim. No fundo, porém, havia luz, faiscavam as preciosas gemas de seu grande coração.

Trabalhava o Maestro quando chegamos; preparava trechos de sua ópera *Odaléia* (*Côndor*) para uma suíte de orquestra a ser tocada em Nice, na estação de concertos daquele ano. No estúdio, por toda parte, nas estantes, nas cadeiras, pelo chão, cadernos de música dos instrumentos de orchestra da *Odaléia*, descosidos, desfolhados; papeis rotulados com o nome dos instrumentos, potes de goma, etc., etc.. Em caixotes, acondicionados para a expedição, o material de outras obras, na marcha ascendente do triunfo e da glória, aguardando seu destino. Um homem de certa idade, figura simpática, a calva protegida por barrete de veludo escuro, de óculos cavalgando um nariz espirituosamente longo, copiava música, cavando e dobrando partes de orquestra...

E fervia a palestra. César Bierrenbach, esfusante de verve, muita fantasia e a palavra fácil, discorrendo com erudição sobre todos os assuntos, encantava. Era um prazer ouvi-lo. O Maestro dava-lhe a réplica, usando o linguajar pitoresco e imaginoso do caipira paulista, com muito chiste e gáudio nosso, que o admirávamos. De relance, notei sobre um grande piano vertical e antigo, dois volumes de música. Minha bisbilhotice despertou e fui ver que livros eram aqueles. Na lombada de um, li: J. S. Bach — *Le Clavecin bien temperé* (espécie de *Imitação de Cristo* dos verdadeiros músicos). *Fausto*, de Gounod, para piano e canto, a mais céebre das obras clássicas do teatro lírico francês, era o outro volume. Havia, ainda, na sala, um retrato do Maestro, bela pintura de Décio Vilares. Por toda parte objetos curiosos: flechas de índios, instrumentos selvagens, enfim, era o Brasil sempre presente, seu grande patriotismo ressaltava a cada instante. Oferecemos um jantar ao nosso caro Maestro no Grande Hotel Milano, que teve a honra de hospedar, em 1888, SS. MM. O Imperador e a Imperatriz do Brasil. G. Verdi tinha aí seus aposentos, quando vinha a Milão. Conservam, com grande veneração, a câmara em que deixou de existir o genial músico italiano, cuja disposição é a mesma, a cama em desalinho, como na hora derradeira e dolorosa de seu trespasse.

O *maître d'hotel*, português de origem, milanês de adoção, belo tipo de homem, de bigodes raspados e suíças pretas, admirador e

amigo do nosso Maestro, acostumado a vê-lo quase diariamente em visita a D. Pedro, serviu-nos um suculento banquette à italiana, em rica baixela de ouro e prata, contribuindo por seu turno às homenagens que prestávamos ao eminente compositor patricio.

Findo o jantar, no momento de servir-se o café, apressei-me em trazer charutos para o Maestro, pois sabia-o apreciador e grande fumador de charutos de Havana; mas ele agradeceu a delicadeza do gesto, dizendo com amargura: "Não, foi isto que me matou". Só então vim a conhecer o verdadeiro estado de sua saúde e o terrível mal que o torturava e minava aos poucos tão preciosa existência. Também, foi a última vez que o vimos: naquele jantar de recordações saudosas, de alegrias e tristezas. Estávamos ainda na cidade sonora, quando recebemos seu bilhete de despedida — p'ro Brasil? P'ra eternidade? Todavia, guardo bem viva a lembrança da visita de Milão.

(Publicado com o título **Reminiscências**, na "Revista Brasileira de Música", nº especial consagrado a Carlos Gomes, pp. 93/95. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Música da Universidade do Rio de Janeiro, 1936).